



O “Fait Divers” de Tarso de Castro: o repórter¹

Roberto José Ramos²

Bibiana de Paula Friderichs³

Resumo: No presente artigo estudaremos a discursividade da notícia, contemplando a produção de sentido em nível verbal em um texto realizado por Tarso de Castro, sobre o caso Clodoaldo Teixeira, e publicado no dia 06 de fevereiro de 1979 na capa do jornal O Nacional, periódico de circulação diária no município de Passo Fundo. A sustentação teórica será construída com base nos pressupostos de Roland Barthes a cerca do “Fait Divers”. As reflexões propostas estarão ancoradas pelo Método Dialético Histórico-Estrutural (DHE) e pela técnica metodológica da Semiologia.

Palavras-chave: produção de sentido; Barthes; Fait Divers; Tarso de Castro.

1. Introdução

O real palpável e suas transformações a partir de determinadas dinâmicas instaladas no cotidiano, se constituem em matéria-prima para as nossas reflexões, principalmente, se considerarmos que tais dinâmicas são disparadas através da linguagem. Ela é a forma de organizar e compreender o mundo que nos rodeia, e os discursos através dela estruturados refletem as idéias de determinados sujeitos ou grupos sobre a realidade, a consciência que esses indivíduos possuem de si, do outro e sobre o ambiente em que vive.

A Mídia é o espaço privilegiado do discurso em suas diferentes manifestações e a Notícia, conseqüentemente, uma forma de fala, um texto público, que circula pelo ambiente social e, portanto, provoca certo movimento. Através dela os homens podem construir novos sentidos sobre a realidade, conhecer sua própria imagem, localizar seu lugar como sujeito histórico e transformar as condições do palco social. Entretanto, para alguns autores, esta mesma Mídia, cujo potencial discursivo revela possibilidades de intervenção dos sujeitos diante da realidade, é sensacionalista por natureza; é um agente de interpelação dominado pelo “Valor de Troca” e pela idéia de mercadoria.

¹ Trabalho apresentado ao GT Jornalismo, do VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul.

² Dr. em Educação, professor da FAMECOS PUC/RS, graduação e pós-graduação. E-mail: rr@puccrs.br

³ Mestre em Comunicação, professora do curso de Jornalismo e Publicidade da UPF/RS. E-mail: bibiana@upf.br



Dentre os autores que se debruçam sobre esta questão está Roland Barthes com seus apontamentos sobre o *Fait Divers*. Uma das principais preocupações do autor refere-se ao papel da fala na constituição das relações sociais, mais especificamente, da língua. Não de modo restrito, ou seja, relacionado a língua escrita, mas às estruturas lingüísticas nas quais devemos submeter nosso pensamento para expressá-lo. Para ele, de certa forma, somos aprisionados por esta estrutura.

O jornal *O Nacional*, mais antigo periódico em circulação no município de Passo Fundo, aparece, então, nesse contexto, como um recorte do objeto que é a produção de sentido. Já havíamos nos deparado com seus discursos jornalísticos em outro momento; entretanto, nas pesquisas anteriores nosso corpus estava relacionado à construção noticiosa na atualidade, e preocupado em observar o diálogo entre dois *Socioletos*: o do sujeito noticiado e, o daquele que noticia.

Durante esta caminhada, observamos diferentes aspectos da história do próprio jornal e da contribuição, associada aqui a evidência de intervenção, de certas personagens para o seu desenvolvimento. Um episódio, em particular, pareceu significativo. Refere-se à extensa cobertura, feita por Tarso de Castro, a cerca de um dos casos policiais mais polêmicos, abordados pelo jornalismo local: quando o motociclista, Clodoaldo Teixeira, de 17 anos, é morto, em 05 de fevereiro de 1979, com um tiro nas costas, disparado por um policial militar. Este evento mobilizou a imprensa regional, e sua cobertura se estendeu por semanas.

Ao depositarmos um olhar mais cuidadoso sobre o Discurso, em questão, identificamos três elementos que caracterizam a pertinência desta pesquisa: primeiro as significações produzidas pelos textos publicados, assim como a estrutura da própria reportagem, que revela a produção jornalística da época; segundo porque não existe, ainda, uma bibliografia que dê conta da história do jornalismo em Passo Fundo, com exceção de pequenos artigos, publicados em jornais antigos e as edições do *O Nacional*, encontradas no Arquivo Histórico Regional do município; e, terceiro, porque Tarso de Castro é conhecido nacionalmente como editor de *O Pasquim*, e já existem alguns trabalhos dedicados a esta faceta, abordando seus artigos e crônicas, entretanto não há ainda um estudo sobre sua atuação como repórter.

Este artigo busca, então, situar *O Nacional* e Tarso de Castro no contexto histórico do jornalismo brasileiro, assim como, pontuar algumas relações entre o objeto escolhido e o “*Fait Divers*”, como uma categoria barthesiana de análise.



2. “Fait Divers”

A expressão francesa “Fait Divers” designa, em sua generalidade, informação sensacionalista. Ela é bem anterior ao advento da Imprensa. Já existia em diferentes produções culturais, na Idade Média, habitando os cantos dos menestréis.

Na literatura, o “Fait Divers” inspirou os heróis de Balzac; as novelas de Flaubert, tal como Madame Bovary; e o romance de Stendhal, O Vermelho e o Negro. Proporcionou a Beauvoir e Sartre material para seus textos e Breton usou essa estrutura na poesia. Muitos outros escritores, também, sofreram sua influência, assim como, artistas, que pintaram suas obras, baseadas em “Fait Divers”, salienta Walker (1995).

Mas Angrimani (1994, p. 27) observa que, foi em 1631 que a Gazette de France lançou “edições extraordinárias de grandes tiragens, consagradas aos ‘fait divers’ sensacionais”. Depois desse jornal, os editores dos outros passaram a publicá-los, com mais intensidade, para aumentar seus rendimentos.

Na Mídia brasileira o Fait Divers está presente em três fases observadas por Lattman-Weltman (2002). Surge no momento pré-capitalista, com a Gazeta do Rio de Janeiro, trabalhando pequenas informações. Mantém-se no discurso oposicionista da fase panfletária com o Correio Braziliense, e alcança a industrialização, sobretudo, a partir do jornal Última Hora.

Tendo como fundamento essa multiplicidade de evidência Barthes (1971) transgrediu o perímetro conceitual do Fait Divers e arrumou-lhe uma tipologia básica, organizada por duas categorias: Causalidade e Coincidência. Ambas se subdividem em subtipos, direcionados para a compreensão da excepcionalidade, introdutora da noção de conflito.

O primeiro tipo, o “Fait Divers” de Causalidade, apresenta duas manifestações:

- a) Causa Perturbada: há o desconhecimento causal ou quando uma pequena causa provoca um grande efeito;
- b) Causa Esperada: quando a causa é normal, a ênfase recai nos personagens dramáticos — criança, mãe e idoso (BARTHES, 1971, p. 276-271).

Na Causa Perturbada, a excepcionalidade está localizada no porquê da factualidade. Existe um efeito, porém a causa é desconhecida ou deformada pela imprecisão ou pela ilogicidade. Em quaisquer das possibilidades, existe a formalização de uma situação de conflito que vem à tona. Materializa-se, narcisicamente, no presente,



porém conserva o motivo, recalcado, submerso no passado. O determinado é visto, solidificado pelo fato, embebido pela historicidade; o determinante, oculto, abstrato, deixando somente os indícios de seus domínios. Verifica-se, então, que há, formalmente, a estruturação de uma situação conflituosa. Esta interpela o sujeito diante do Discurso e obtém reconhecimento não apenas pelo dito, mas, primordialmente, pela forma de dizer.

O interpelado, por sua vez, se reconhece nesta factualidade. Ele é, também, um efeito, em nível de consciência, com causas desconhecidas, imprecisas e ilógicas, mantidas no Inconsciente. Ao se reconhecer, vive o que está fora, como se fosse seu — Identificação Projetiva —, que enseja a Catarse.

Na Causa Esperada, a excepcionalidade troca de posição. Desloca-se para os protagonistas, que são responsáveis pela instauração do conflito. A dramaticidade apanha três tipos de sujeitos básicos: criança, mãe e idoso. Eles representam os diversos ciclos do processo do existir humano, simbolizam a fragilidade e a pureza humanas, decodificadas na dimensão do bem. Por suas próprias características, eles estão revestidos de circunstâncias, pronunciadas pela dramaticidade.

Constata-se que, no “Fait Divers” de Causalidade, através da Causa Perturbada e da Causa Esperada, existe a estruturação de um conflito, não-classificado pelo conhecimento humano e que se torna inexplicável aos recursos da racionalidade e dos pressupostos da intelectualidade, ficando ininteligível na dimensão histórica.

Os sujeitos interpelados não conseguem ter respostas para a situação conflituosa estabelecida. Ficam impotentes, sem recursos de compreensão e, por isso, recorrem a um Sujeito Absoluto, tal qual na Tragédia Grega, quando um “Deus-ex-Machina” entrava em cena, para contornar os impasses incontornáveis historicamente. Prevalece a lógica da Fatalidade.

A Fatalidade é o Sujeito Absoluto, o grande pai transcendental, que possui a explicação para o inexplicável. Representa a iluminação do oculto, o conhecimento do desconhecido pela onisciência e onipresença. Assume a responsabilidade sobre todas as coisas e a plenitude do todo, desculpa para todas as culpas. É o fiador perfeito, para todas as imperfeições, inscritas na relatividade histórica da sujeição.

O segundo tipo, proposto por Barthes (1971:271-274), é o “Fait Divers” de Coincidência, subdividido em duas manifestações:



- a) Repetição: é o igual, que se reproduz com diferença, conforme Lacan (1990), no âmbito de uma matéria jornalística;
- b) Antítese: duas perspectivas diferentes, distantes, antagônicas, são fundidas em uma única realidade. Uma de suas formas de expressão é o Cúmulo (a má-sorte), figura da Tragédia Grega.

A Coincidência despe o homem de sua responsabilidade histórica. Conforta-lhe com a irresponsabilidade, desculpando as suas próprias culpas. Permite-lhe regredir a um estágio de menor idade, que lhe assegura a omissão diante de seus atos. É a garantia de transferir a responsabilidade para uma noção de Fatalidade.

A Repetição da fato, sem uma lógica histórica, remete para a noção de Coincidência. O repetir não é a reprodução do original, como cópia, porém a sua reprodução com diferenças, no desigual. Insinua a onipresença da fato, que se mantém em quaisquer circunstâncias.

O Inconsciente se reconhece, através da Identificação Projetiva, não pela reprodução do evento, originalmente, recalcado, mas por uma analogia formal do enfoque conflituoso.

Já a Antítese mistura os opostos, os antagônicos em uma mesma dimensão do real. Os dissociáveis se tornam indissociáveis, como se fossem gêmeos univitelinos. Os desiguais ficam igualados por uma inteligência não-materializada, sem significação corpórea, que reina na abstração. Uma de suas pronúncias é o Cúmulo, onde o trágico faz as vítimas.

Verifica-se que a Repetição e a Antítese estabelecem a Coincidência, reproduzindo a linguagem trágica, com o “Deus-ex-Machina”, tal qual faz o “Fait Divers” da Causalidade. Mesmo com outras particularidades, agora, também, o caminho é igual: a Fatalidade, como Sujeito Absoluto, para desatar os nós coincidentes.

Os dominantes e os dominados, ricos e pobres, belos e feios compõem um rebanho harmônico, apesar de suas divergências. Possuem o mesmo ancoradouro. Compartilham, pelos atalhos da Causalidade e da Coincidência, do mesmo caminho: a Fatalidade, uma categoria de fácil disponibilidade e de elástico uso no Senso Comum.

Na teorização de Barthes (1971, p. 299) sobre o “Fait Divers”, o conceito de estrutura é essencial. Ele o explica da seguinte modo: “A estrutura é, pois, na verdade um simulacro do objeto, mas um simulacro dirigido, interessado, uma vez que o objeto



imitado faz algo que permanecia invisível, o se preferirmos, ininteligível no objeto natural”.

Na abordagem estruturalista, o mais importante não é o dito. As histórias, os protagonistas e as circunstâncias são variáveis no tempo e no espaço. São perecíveis. O que importa é a estrutura, a forma de dizer, o significante invariante, que tem permanência perante quaisquer possibilidades de mutação.

Vale destacar que não existe uma estrutura pura. Em qualquer “Fait Divers”, é possível encontrar características simultâneas de Causalidade e de Coincidência em interação. Nessa inter-relação, todavia, há uma estrutura invariante, determinante da abordagem e identificando, por conseguinte, a sua tipologia.

Barthes (1971) enfatiza que o “fato do dia” possui um consumo imediato. Notabiliza-se pela sua imanência. É fechado no seu próprio contexto, que é a única dimensão do seu saber. Não reivindica nada que possa transcender o seu próprio território. Está preso no presente, cristalizado no aqui e no agora e, por isso, é utilizado nas diferentes manifestações midiáticas: aparece no tratamento da realidade e da ficção, seja nas telenovelas, nos telejornais, nos “talk-shows”, nos programas de humor, no noticiário da Imprensa e na Publicidade.

O “Fait Divers” é, por natureza, sensacionalista. Tanto pela Causalidade — Causa Perturbada e Causa Esperada —, e pela Coincidência — Repetição e Antítese —, interpela pela emoção. As suas estruturas são constituídas pelas anomalias e pelas excepcionalidades, marcadas, em essência, pela valorização do espetacular.

Em maior ou menor grau, a Mídia é sensacionalista por natureza. É o agente da interpelação, que busca o reconhecimento do interpelado e a sua conseqüente submissão. Está, também, submetido à audiência, aos patrocínios e ao lucro. À medida que a mensagem se encontra dominada pelo Valor de Troca, transforma-se em mercadoria. Não há como ela abdicar do Sensacionalismo, explícito ou implícito, mas presente.

O Poder, no “Fait Divers” é a expressão do domínio do individualismo, manietado pela emocionalidade. Não importa o uso da razão. O que conta e dá saldo é a exploração das emoções, reprimidas no Inconsciente, que emergem, através da Identificação Projetiva, responsável pela Catarse.

3. Metodologia



O presente estudo tem como pressuposto metodológico a Dialética Histórico-estrutural (DHE), escolhido de acordo com sua pertinência em relação às características do objeto proposto e a fundamentação teórica na qual está alicerçada a pesquisa. Ela repensa a ciência, não só como análise estrutural, no contexto da observação metódica, controlada, mas também como projeto político, no qual o cientista é ator engajado.

Conforme Demo (1990) a dialética, de um modo geral, é quem se propõe a compreender a realidade histórico-social, compatibilizando os princípios de movimento com a invariância associada ao estruturalismo. Para ela “a realidade é estruturada no sentido de obedecer a leis de sua constituição e vigência”. (p.119).

Por isso, interessa a DHE as condições objetivas e subjetivas que compõe a complexidade da realidade histórico-social. A primeira refere-se à estrutura, a circunstância dada, ao palco social e histórico encontrado pelo sujeito. A segunda corresponde à possibilidade de intervenção deste sujeito na realidade.

O autor lembra que antes de explicar a realidade temos de conhecê-la. Assim, para compreender a história é necessário resgatar o conjunto de circunstâncias que marcaram a intervenção dos atores sociais durante sua construção. Para a DHE, o homem diante da realidade, não apenas lê, decifra, mas interpreta, mesmo que o cenário no qual ele se insere, já posto enquanto estrutura, delimite, de certa forma, esta interpretação subjetiva. Em outras palavras, a interpretação vista como intervenção.

A DHE se configura a partir de um diálogo entre a Dialética marxista e o Estruturalismo, cuja dinâmica é a Unidade de Contrários. Ela está evidenciada, primeiramente, no próprio ser social, que tem dentro de si muitas contradições “entre suas esperanças e a realidade concreta, entre a conquista da emancipação e as circunstâncias limitantes e impeditivas, entre a felicidade que se busca eternamente e sua realização provisória.” (1990, p. 127). Todavia ela representa algo ainda maior, os conflitos sociais intrinsecamente polarizados, como a desigualdade social. Segundo o autor, é ela que forma a sociedade fenômeno estruturalmente dinâmico e provisório. “E a miséria da história, marcada, persistentemente, pela exploração das maiorias por parte de minorias, mas é também a fonte imorredoura das transformações históricas, a partir dos desiguais.” (Demo, 1990, p. 125).

Nesse sentido, a pesquisa semiológica, apontada por Barthes, e as categorias sobre as quais reflete, conseguem delinear as questões estruturais, respeitando sua complexidade, assim como iluminar as singularidades das relações dialéticas, que deixam as suas marcas no tecido social.



A Semiologia foi considerada por Barthes (1977) a ciência geral dos signos. Ela tem por objeto qualquer sistema de significação, independentemente da substância que o constitui ou mesmo das limitações que tal substância impõe. Estes sistemas podem ser imagens, gestos e até sons, que fazem parte dos protocolos cotidianos dos atores sociais. “Seus objetos de predileção são os textos do Imaginário: as narrativas, as imagens, os retratos, as expressões, os idioletos, as paixões, as estruturas que jogam ao mesmo tempo com uma aparência de verossimilhança e com uma incerteza de verdade” (p. 40).

A Semiologia de que falamos pode ser negativa e ativa. Conforme Barthes (1977) a primeira é apofática, não nega o signo, mas nega que é possível atribuir-lhe caráter fixo, a-histórico, a-corpóreo. Já a segunda aquela que escreve toda a relação com a ciência. Isso porque a semiologia é a linguagem sobre a linguagem, mas não permite através da leitura dos textos disponíveis uma apreensão direta do real.

Por isso, através da pesquisa Semiológica é possível estudar as relações entre as formas simbólicas, mas também dos sistemas mais amplos dos quais essas formas, constituídas em linguagens fazem parte, refletindo sobre as relações de poder e os discursos que circulam e são consumidos no espaço social.

Essa ação reflexiva é viabilizada, através do Princípio de Pertinência. Para Barthes esse princípio consiste em descrever os fatos, reunidos a partir de um só ponto de vista, retendo só os traços que interessem a esse ponto de vista, com a exclusão de todos os outros. Para isso podemos considerar que o espectador que assiste, é um sujeito histórico e as notícias de jornal, são as marcas pertinentes de um determinado grupo social.

4. A imprensa em Passo Fundo: no O Nacional nasce o repórter Tarso de Castro

O município de Passo Fundo foi emancipado em 1857, no entanto, o território que hoje o constitui já fez parte da Província Jesuítica das Missões Orientais do Uruguai, cujas ruínas se localizam junto aos rios Ijuí e Ijuizinho, no atual município de Santo Ângelo.

Conforme Rodigheri e outros (2004, pág. 77), os índios dos grupos Tupi-Guarani e Jê, com destaque para os Kaingang, foram os primeiros moradores desta região. Só em 1827 e 1828 que chegaram os habitantes brancos, acompanhados da família, dos escravos e de agregados. Os autores afirmam que, por isso, a organização econômica, social e política dominante na fase inicial desse povoamento (não oficial) pode ser caracterizada como latifundiária, pastoril, patriarcal-militar e escravocrata.



Como era um espaço de riqueza natural, com vantajosa situação geográfica para a criação de gado e plantação de ervais, rapidamente se expandiu. Em pouco tempo constituía um território de mais de 80.000 km² e tinha uma população estimada em 7.586 habitantes.

O primeiro jornal que surgiu na cidade se chamava Echo da Verdade, fundado em 1892. Conforme D’Outroira (1925), se tratava de um órgão do partido republicano, que perdurou por dois anos, com o objetivo de consolidar as idéias defendidas pela administração municipal. Depois dele, muitos outros periódicos nasceram, nem sempre vinculados a questões políticas, mas com periodicidade irregular seguido de desaparecimento, para só em 1925 surgir O Nacional, o jornal mais antigo da cidade ainda em circulação.

Os motivos que culminaram com o seu lançamento não estão explícitos nos documentos históricos. Entretanto, podemos relacioná-los a uma série de eventos, que aconteceram na cidade, durante este período. Ribas (2004) destaca, que entre esses fatos, está a movimentação crescente do comércio em torno da estrada de ferro, construída entre 1898 e 1905, que, a esta altura, já cortava o centro da cidade por uma larga avenida.

Para acomodar o progresso, trazido pelo trem, a cidade passou por uma reorganização do espaço geográfico urbano, mas não só dele. Este período, também, aponta, para uma transformação do comércio, da administração pública, e para uma transformação dos modos de se relacionar da população, com esses lugares e com as instituições, que nasciam neles. Por isso, podemos acreditar que este tenha sido, também, um período de articulação, para o surgimento do O Nacional.

Ele foi fundado, em 19 de junho por Herculano Annes, Theófilo Guimarães, Americano Araújo Bastos e Hiran Bastos, advogados e empresários da cidade; e, na década de 1940, adquirido por Múcio de Castro, jornalista e ex-deputado estadual. Sua linha editorial refletia as mudanças econômicas evidentes no município, ligando a recente publicação ao signo da independência e da liberdade necessária ao processo de promoção do capital, como revela o editorial exibido na primeira página da edição número 01:

Todo nosso programa se resume as duas palavras do cabeço: Jornal Independente. Independente é aquele que vive por si e se dirige por seu próprio arbítrio sem sugestões estranhas, independente é quem não se acha preso em liames de partidarismo, é quem não está chumbado aos apelas da fé [...]. Quem quer ser livre deve ser honrado, deve ser justo, deve se por à cima de pequeninos



interesses que pululam no seio das coletividades em formação [...] (O NACIONAL, 1925, p.1).

Depois do surgimento deste periódico, alguns outros episódios marcaram o Jornalismo impresso em Passo Fundo e influenciaram a produção do próprio ON. Entre eles está o surgimento, em 1935, de seu principal concorrente, o Diário da Manhã (DM); a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), que atingiu e modificou a imprensa em todo o mundo, não apenas no que se refere aos jornais, mas a Fotografia, o Cinema e o Rádio; e, o ingresso de Tarso de Castro na carreira jornalística.

Este último é uma personagem importante no desenvolvimento do jornal em questão. Isso por que, apesar de ser reconhecido nacionalmente por ter participado de um dos episódios mais significativos do jornalismo brasileiro, através do O Pasquim, como mencionamos anteriormente, foi no ON que começou sua carreira. Era o início da década de 1950, Tarso tinha apenas 12 anos de idade. Bertol (2001, p.47) relata que tão logo ele começou a trabalhar, já revelou a sua “vocação de cronista, de jornalista crítico e pol mico, perceptivo e atento ao que se passava ao redor”.

A autora lembra que, em 28 de dezembro de 1959, por exemplo, a coluna, assinada por Tarso, com o pseud nimo TeD Ce, chamou atenção. Em algumas linhas, o recém-jornalista, faz uma crítica ao bispo dom Cláudio Colling, considerado pela comunidade o “dono” da cidade. “O estilo compassivo e, ao mesmo tempo, pol mico do texto era exatamente o mesmo, talvez um pouco mais contido, do que aquele que se passaria a encontrar no final da década de 1960, início da de 1970, no semanário o Pasquim” (Bertol, 2001, p.48).

Nos anos que se seguiram, mesmo depois de ter saído de Passo Fundo para morar na capital, Tarso continuou abastecendo e colaborando, editorialmente, com O Nacional. Fazia contatos, entrevistas com políticos e intelectuais, e quando algo grave acontecia na cidade (tragédias ou disputas políticas), retornava, para fazer a cobertura; era um dos responsáveis pela elo que ligava o jornal de Passo Fundo com o Jornalismo feito nas capitais, atualizando e reciclando a sua produção.

Nessas idas e vindas, além da faceta de editor, já nacionalmente conhecida, no ON, Tarso, também fazia às vezes de repórter. Numa dessas ocasiões realizou a cobertura completa de um dos episódios policiais mais polêmicos, ocorridos na cidade, nos últimos anos: o caso Clodoaldo Teixeira.

A história se referia a um motociclista, de 17 anos, que foi morto com tiros nas costas, em 05 de fevereiro de 1979, pelo cabo da Brigada Militar José Valmor da Silva.



O motivo que levou ao incidente tem duas versões, apresentadas pelo próprio jornal. Uma delas seria a de que Clodoaldo e um amigo estariam dirigindo suas motocicletas em alta velocidade, ao redor de uma praça, no centro da cidade de Passo Fundo, quando quase atropelaram uma mulher e uma criança. A outra versão, seria a de que, dirigindo sua moto, o rapaz teria passado, acidentalmente, sobre o pé do brigadiano; e com receio de ser abordado, teria investido contra a patrulha e fugido. Além disso, nos meses que se seguiram, mais dois motociclistas foram mortos enquanto protestavam a perda do companheiro.

O impacto do acontecido, na população, foi tão significativo, que, na época, o caso teve grande repercussão. Os jornais locais, e, também, aqueles que atendiam as cidades vizinhas, discutiram o caso diariamente em suas publicações, e passaram semanas noticiando os episódios subsequentes. Só o ON, na primeira semana do evento, dedicou cerca de 20 páginas, e 05 capas, para o assunto. O tema e a atuação de Tarso são comentados até hoje entre os jornalistas da região.

Considerando que este é apenas um estudo inicial e ciente de suas conseqüentes limitações, contemplamos na análise à seguir, apenas parte pequena do conjunto de textos correspondentes a cobertura completa do evento, voltando nossa atenção para o discurso verbal, mesmo ciente de que se tratam de notícias acompanhadas por Fotografias e Charges. Além disso, não nos propomos aqui a pensar todas as categorias barthesianas evidenciadas pelo Discurso, nosso objetivo inicial é apenas compreender a evidência da estrutura do **Fait Divers** na Notícia, deixando as demais possibilidades de análise para outra ocasião.

5. O **Fait Divers** de Tarso de Castro

O trecho sobre o qual vamos nos debruçar foi publicado no dia 06 de fevereiro de 1979 na capa do jornal O Nacional e apresentava como manchete “Brigadiano mata motoqueiro: TIRO NAS COSTAS”⁴.

Um fato grave que bem dá conta da violência, da irresponsabilidade e da falta de equilíbrio emocional que domina certas pessoas, encarregadas de manter a ordem, “proteger” a população e que por isso mesmo, tem sempre uma arma carregada na cintura, não para matar, mas para dar ao povo esta proteção, foi o que aconteceu com o menino CLODOALDO TEIXEIRA, residente na rua Antônio Araújo, 170, esquina da Lava Pés. Ele foi morto com um tiro de revólver, acionado por um soldado PM, que juntamente com outros policiais

⁴ A utilização de letras maiúsculas e minúsculas foi preservada, conforme o texto originalmente publicado.

militares, estava numa viatura da Brigada Militar, e que perseguia a vítima. Segundo uma das versões correntes da cidade, prestada por um dos advogados da família da vítima, o menor, depois de um acidente de pequena monta com um PM, sempre seguindo no percurso da firma Honda até sua casa, na rua Lava Pés com Antonio Araújo, foi perseguido por uma patrulha da brigada militar, quando vindo da Av. Brasil, Clodoaldo, tripulando uma moto Honda, entrou na rua Lava Pés, já próximo de sua casa, foi acertado por um disparo fatal, a uns 30 metros de sua casa, caindo do veículo mortamente ferido. Enquanto os PMs afastavam-se rapidamente do local, o pai da vítima, Sr. Nelson Teixeira, socorria a vítima que já chegou sem vida no Hospital da Cidade.

REVOLTA

Desde de que se confirmou a notícia do menino Clodoaldo Teixeira, a cidade ficou em grande agitação. Os motoqueiros da cidade, os quais conheciam muito bem a vítima, rumaram todos para o Instituto Médico legal e depois para a Delegacia de Polícia, onde já se encontravam em número de cem aproximadamente, com suas motos e seus gritos de protesto e revolta, afastaram-se da polícia quando souberam que o oficial do dia da BM, solicitado pela polícia civil a apresentar os PMs envolvidos na ocorrência, disse que estava “pensando” no assunto. Por volta das 21h o trânsito, no centro da cidade, estava completamente tumultuado, com um número ainda maior de motoqueiros, fazendo uma passeata de protesto, portanto, inclusive, nas motos fitas pretas.

O texto aparece na lateral direita da página e está distribuído em uma coluna, das cinco utilizadas pelo jornal; é ilustrado por duas Fotografia, sem legenda, uma que mostra o rosto de Clodoaldo Teixeira e outra que estampa a camiseta usada por ele no momento da morte. Graficamente, de baixo para cima, a Notícia está disposta da seguinte forma: manchete; coluna da esquerda, onde está a maior parte do texto; imagens ao centro, ocupando duas colunas; e na direita, um box com o “Convite para enterro”.

Esse conjunto de dados forma parte do Discurso da notícia. Ele envolve mais de um plano de expressão e uma série de marcas gráficas que indicam alguns trajetos de leitura possíveis. Para percorrê-los partimos de seu eixo temático, assim como da ordem em que os acontecimentos são narrados pelo jornalista, tentando identificar uma das composições características da estrutura noticiosa e aprofundar a leitura, respondendo, assim, à categoria de análise proposta.

A disposição plástica do Discurso na página do jornal evidencia inicialmente um texto informativo, principalmente se considerarmos que se trata da capa do O Nacional. Entretanto, logo na primeira oração do texto esta impressão se altera, pois a seleção e organização dos signos adotada pelo jornalista revela seu viés opinativo: “Um fato grave que bem dá conta da violência, da irresponsabilidade e da falta de equilíbrio emocional que domina certas pessoas, encarregadas de manter a ordem [...]”. Essa é uma característica comum aos periódicos e a produção noticiosa da época, em especial

na editoria de polícia, mesmo que os textos sejam marcados pela utilização da terceira pessoa do singular, como ocorre também na escrita de Tarso de Castro, apontando para um aparente distanciamento entre o jornalista, autor do texto e o leitor, expectador do acontecimento.

Os fatos estão, então, organizados em ordem crescente de importância, contemplando primeiro, a trajetória cultural do jornalista e, conseqüentemente, sua perspectiva sobre o mundo e os eventos que nele acontecem; segundo os aspectos que parecem mais relevantes, ou seja, o “o que”: “[...] foi o que aconteceu com o menino CLODOALDO TEIXEIRA, residente na rua Antônio Araújo, 170, esquina da Lava Pés. Ele foi morto com um tiro de revólver, acionado por um soldado PM [...]”; e, por fim, as informações adicionais, com ênfase nas conseqüências que o evento estava provocando: “Desde de que se confirmou a notícia do menino Clodoaldo Teixeira, a cidade ficou em grande agitação. Os motoqueiros da cidade [...] já se encontravam em número de cem aproximadamente, com suas motos e seus gritos de protesto e revolta [...]”. Uma estrutura que revela o *Fait Divers* de Causalidade, do subtipo Causa Perturbada.

Conforme Barthes (1971) trata-se de uma informação sensacionalista, pois introduz a noção de conflito a partir da factualidade (do fato, acontecimento, que neste caso é o assassinato) para compreender o excepcional (a morte prematura de um adolescente, do “menor”, ou ainda a ação dos policiais militares, orientados para proteger, matando).

Sob essa perspectiva a Causa Perturbada se caracteriza através da abordagem enfática dado aos efeitos: “foi o que aconteceu”, “um disparo fatal, chegou sem vida no Hospital da Cidade”; mas que além de mencionados no primeiro parágrafo, ganham um subtítulo e espaço especial dentro da notícia: “REVOLTA”, “desde de que se confirmou a notícia [...] a cidade ficou em grande agitação”, “suas motos e seus gritos de protesto e revolta”, “o centro da cidade, estava completamente tumultuado, com um número ainda maior de motoqueiros, fazendo uma passeata de protesto, portanto, inclusive, nas motos fitas pretas”.

Sob esta perspectiva, a notícia não ignora ou esconde a causa, mas a deforma ou simplifica através da imprecisão: “segundo uma das versões correntes na cidade, prestada por um dos advogados da família da vítima, o menor, depois de um acidente de pequena monta com um PM [...] foi perseguido e acertado por um disparo fatal”. No texto não há outras versões do fato ou elas ainda não podem ser ouvidas, porque os outros personagens “estão pensando no assunto”.



Ora, uma notícia não é o relato da verdade, mas de algumas versões dela, de modo que a presença das múltiplas vozes garante a exposição de sua complexidade e a possibilidade das variadas interpretações. Nesse sentido, Barthes lembra que os signos são abertos e estão em permanente jogo dialético. Se a revolta, ou melhor, o efeito, está em destaque, o motivo, o porquê, acaba submerso, perdido em sua aparente irrelevância. Como se a fala impusesse a idéia de que uma vez que Clodoaldo já está morto, só há espaço para “REVOLTA”.

A notícia interpela o sujeito leitor que se identifica com o conflito, que se projeta no acontecimento, reconhecendo nele todos às suas experiências conflituosas, excepcionais e imprecisas, cujo Sujeito Absoluto da Fatalidade pode explicar, socorrendo-nos: “sempre seguindo o mesmo percurso” (do trabalho para casa), “foi um tiro fatal” (ele não teve chance de sobreviver).

Além disso, mesmo em se tratando de uma predominância do *Fait Divers* do subtipo de Causa Perturbada, o autor lembra que é possível encontrar características simultâneas das diferentes tipologias categorizadas pelo autor, de modo que, outro fator de identificação, *Catarse*, fica a cargo do *Fait Divers* de Causa Esperada. A dramaticidade da narrativa é construída a partir de um personagem básico: “o menino”, “o menor”, “a vítima”. Conforme Barthes (1971), ele representa um ciclo da existência humana, de desproteção, pelo qual todos passamos, ampliando a dimensão do bem e, conseqüentemente, de quem está certo e de quem está errado.

Neste tipo de abordagem, mais importante do que contar o fato é o modo como a notícia o faz, recorrendo a valorização do espetacular através da emocionalidade, submetendo a audiência a uma reflexão descontextualizada, liberta de toda sua historicidade e embalada para consumo imediato. Este pressuposto poderia ainda ser ancorado por outras categorias de análise, todavia, este artigo é apenas o primeiro passo para um estudo mais profundo do sensacionalismo na Mídia.

6. Referências:

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue-Um Estudo do Sensacionalismo na Imprensa**. São Paulo: Summus, 1994.

BARTHES, Roland. **Ensaio Críticos**. Lisboa: Edições 70, 1971.

_____. Aula. 9.a ed.. São Paulo: Cultrix, 1977.

BERTOL, S. **Tarso de Castro**: editor de O Pasquim. Passo Fundo: UPF Editora, 2001.



DEMO, P. **A dialética hoje**. Cutrix: Petrópolis, 1990, 2ª ed.

D'OUTRORA, J. A imprensa em Passo Fundo. In: **O Nacional**. 15 jul. 1925, Livraria Nacional, 1925.

LACAN, Jacques apud HARARI, Roberto. **Uma Introdução aos Quatro Conceitos Fundamentais de Lacan**. Campinas: Papirus, 1990.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando apud HOHLFELDT, Antonio e BUCKUP, Carolina. **Última Hora- Populismo Nacionalista nas páginas de um Jornal**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

O NACIONAL. **Editorial**. 19 jun. 1925, Livraria Nacional, 1925.

RIBAS, D. A evolução urbana da avenida Sete de Setembro: uma contribuição para a organização do espaço passofundense. In: SILVA et al. **Estudos de geografia regional**. Passo Fundo: UPF Editora, 2004.

RODIGHERI, M e outros. As transformações espaciais do território do município de Passo Fundo – 1857-1992. In: SILVA et al. **Estudos de geografia regional**. Passo Fundo: UPF Editora, 2004.

WALKER, David H. **Outrage and Insight – Modern French Writers and the Fait Divers**. Oxford/ Washington: Berg Publishers, 1995.